

07/09/2021

As piscinas naturais desenhadas por recifes de corais são um dos principais atrativos da praia de Porto de Galinhas, em [Ipojuca](#), no Litoral Sul de Pernambuco. Para preservar essa beleza natural, pesquisadores e voluntários se uniram e utilizam tecnologias como impressoras 3D na missão ( veja vídeo acima).

Os corais não são rochas, mas sim seres vivos que formam colônias e servem de abrigo para inúmeras espécies. “A gente tem estimativas que variam de 30% a 80% de redução da cobertura de corais nos recifes brasileiros, de acordo com o local”, apontou a professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco ( [UFRPE](#) ) Paula Braga.

Segundo a professora, o aquecimento global, degradação ambiental e agressões causadas por seres humanos contribuem para a redução dos corais, também notada em Porto de Galinhas.

Paula Braga é também pesquisadora do projeto Coralizar, que une forças com voluntários, empresas e ambientalistas para recuperar e plantar corais no balneário do Litoral Sul pernambucano.

O trabalho começa com a coleta de pedaços de corais que serão usados como mudas. Esses fragmentos, explica a professora, são encontrados em abundância no fundo do mar em volta dos recifes.

“Estes fragmentos, às vezes, guardam pólipos vivos [...], [que] são recolhidos, cortados, tratados, colados em berços que são suportes. Estes berços são instalados nas mesas e essas mesas são colocados no ambiente natural”, explicou a professora.

Na biofábrica de corais, localizada na Universidade Federal de Pernambuco ( [UFPE](#) ), os pesquisadores utilizam impressoras 3D para produzir os berços, que são as estruturas em que são colocados os fragmentos de corais para que cresçam.

Cada berço é diferente e adequado para uma espécie de coral. As mesas, citadas pela professora, são feitas de canos de PVC e viram verdadeiros berçários, que vão para piscinas naturais protegidas da correnteza, das embarcações e dos turistas.

O projeto conta com aliados para cuidar das “plantações” de corais, como o jangadeiro Luis Carlos dos Santos, que trabalha há 29 anos em Porto de Galinhas. Ele fica sempre de olho nos berçários.

“Eu achei a ideia muito bonita e necessária. [Ou] a gente começa a cuidar agora, ou vai perder tudo”, declarou o jangadeiro.

A velocidade de destruição dos corais ainda é maior do que o esforço para recuperá-los, segundo os especialistas, mas a nova tecnologia mostra que a ciência pode ajudar a salvar várias espécies ameaçadas.

“Tem corais que estão dobrando o tamanho em três meses ou em cinco meses, dependendo da espécie e também do manejo que a gente faz, de fragmentar a colônia ou de não fragmentar a colônia. Uma dobra de tamanho é muito maior do que o crescimento natural das colônias no ambiente”, afirmou a pesquisadora.

[Link da matéria](#)